

O fenômeno da guerra cognitiva e sua influência nas disputas geopolíticas

Mário Brasil do Nascimento¹

Resumo: O artigo trata do fenômeno da guerra cognitiva e seu impacto para as disputas geopolíticas envolvendo os Estados. A guerra sobre os processos cognitivos como o pensamento e a decisão, tem prosperado em função dos avanços tecnológicos da comunicação, da hiper conectividade nas mídias sociais e pelos novos conhecimentos obtidos em áreas como a Neurociência. Modificar percepções de ameaças, gerar cizânias entre grupos, deslegitimar instituições ou provocar a confusão social podem ser “armas” no âmbito de disputas geopolíticas. Para as democracias, a guerra cognitiva se apresenta como um grande desafio no contexto geopolítico, pois enfrenta o dilema de ampliar seus controles para defender interesses ou tornar-se um modelo autocrático.

Palavras-chave: Guerra Cognitiva, Geopolítica, Disputas Geopolíticas.

The phenomenon of cognitive warfare and its influence on geopolitical disputes

Abstract; The article addresses the phenomenon of cognitive warfare and its impact on geopolitical disputes involving States. The warfare on cognitive processes such as thinking and decision-making has flourish due to technological advances in communication, hyperconnectivity in social media and new knowledge in areas such as Neuroscience. Changing threat perception, generating of conflict between groups, delegitimizing of institutions or causing social disturbances can be “weapons” in the context of geopolitical disputes. For democracies, cognitive warfare presents itself as a major challenge in the geopolitical context, as it faces the dilemma of expanding its controls to defend interests or becoming an autocratic model.

Keywords: Cognitive Warfare, Geopolitics, Geopolitical Disputes.

El fenómeno de la guerra cognitiva y su influencia en las disputas geopolíticas

Resumen: El artículo aborda el fenómeno de la guerra cognitiva y su impacto en las disputas geopolíticas que involucran a los Estados. La guerra contra los procesos cognitivos, como el pensamiento y la toma de decisiones, ha florecido debido a los avances tecnológicos en comunicación, la hiperconectividad en las redes sociales y los nuevos conocimientos en áreas como la Neurociencia. Cambiar las percepciones de amenazas, generar conflictos entre grupos, deslegitimar instituciones o provocar disturbios sociales pueden ser “armas” en el contexto de las disputas geopolíticas. Para las democracias, la guerra cognitiva se presenta como un desafío importante en el contexto geopolítico, ya que enfrentan el dilema de ampliar sus controles para defender intereses o convertirse en un modelo autocrático.

Palabras clave: Guerra Cognitiva, Geopolítica, Disputas Geopolíticas.

¹Coronel da Reserva do Exército Brasileiro e graduado em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (1986). Doutor em Relações Internacionais pela *Atlantic International University* (2019).

Introdução

Sun Tzu, em *A Arte da Guerra*, ensinou: 1) “se o inimigo é orgulhoso, provoque-o; se for humilde, encoraje sua arrogância; se estiver unido, estimule a cizânia entre suas tropas”; e 2) “excelência mais alta está em obter-se uma vitória e subjugar o inimigo sem, no entanto, lutar” (Tzu, 2006, p. 9-15).

Por muito tempo, a orientação de se vencer sem lutar pareceu algo apenas filosófico, entretanto o fenômeno da guerra evoluiu das características essencialmente físicas para uma associação de ações cinéticas e não cinéticas, se aproximando muito das orientações de Sun Tzu.

Assim, em 1996, Baumard (1996, p.1) alertou que as nações deveriam se preparar para uma mudança de paradigma que viria a ocorrer com o advento da guerra do conhecimento, a qual traria interferência nos processos mentais das pessoas. No mesmo ano, Dahl (1996, p.37) denominou de guerra cognitiva a estratégia utilizada para afetar o ciclo OODA² dos oponentes, diminuindo a velocidade e a precisão das decisões desses adversários.

Em 1998, Thomas (1998, p. 84-92), em seu artigo: *The Mind has no Firewall*, aludiu que a mente humana não teria proteção contra ações sobre o sistema cognitivo, mediante o uso de “armas” que alterariam a psique ou “atacariam” o processo de decisório dos soldados.

Harbulot, Moinet e Lucas (2002, p.2), em 2002, registraram que a manipulação ou alteração dos símbolos e do conhecimento das pessoas se converteu em um tipo de manobra, que ultrapassou a esfera econômica; e se transformou na guerra cognitiva. Essa guerra cognitiva, segundo Baumard (2017, p.6), teria como objetivo derrotar o inimigo pelo controle de suas capacidades cognitivas.

Na atualidade, vê-se que atores estatais e não-estatais se aperceberam do poder da conjugação da informação manipulada, da disseminação “viral” de dados e dos novos conhecimentos sobre a cognição humana, passando a interferir nas relações de atores, espaços geográficos e espaços mentais na disputa pelo poder.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é avaliar o fenômeno da guerra cognitiva e sua influência nas disputas geopolíticas entre Estados. O artigo

² Acrônimo para designar as fases: observação, orientação, decisão e ação – OODA.

abordará aspectos ontológicos da guerra cognitiva, a influência de guerras cognitivas nas disputas geopolíticas de uma Nação; e considerações finais sobre os riscos advindos daquela modalidade de guerra para nações democráticas.

1. O novo campo de batalha – a cognição

Em 2018, Giordano disse que o cérebro seria o campo de batalha do futuro. É no cérebro que ocorrem as principais etapas da cognição. A etimologia do vocábulo cognição nos aponta para duas origens: 1) *cognitio*, do latim, com o sentido de produto das faculdades mentais; e 2) *voũς (nus)*, do grego, com a ideia de processo. Assim, Claverie (2022) argumenta que a cognição compreende o conjunto formado por sistemas do ser humano (e.g. nervoso, endócrino ou muscular), comportamentos e pensamentos; e os processos que mobilizam aqueles sistemas para gerar conhecimentos e representações do mundo no qual o homem está inserido. A cognição é formada a partir de experiências subjetivas e observações da realidade, processadas, principalmente, pelo sistema neurossensorial, que geram as seguintes dimensões cognitivas: 1) psicológica – relacionada à interpretação da realidade e as questões de convencimento; 2) filosófica – ligada aos pontos de vista sobre determinados temas; 3) cultural; 4) social; e 5) política. Após o processamento cognitivo, chega-se a uma percepção da realidade que pode ser igual, aproximada ou distinta da efetiva realidade (Michael e Kuperwasser, 2019).

Dentro dos diversos processos cognitivos, cinco deles merecem atenção para o uso em uma guerra pelo domínio das mentes humanas: 1) percepção; 2) atenção; 3) memória; 4) pensamento; e 5) linguagem. A percepção reúne os estímulos do mundo exterior, as experiências e a memória do indivíduo e as atividades cognitivas (Silveira, 2017, p.10). A atenção serve como um filtro para que o cérebro se concentre nos estímulos mais relevantes, permitindo uma melhor organização do influxo de informações (Nogueira, 2022). A memória armazena informações sensoriais e experiências (Davidoff, 1983 apud Silveira, 2017). O pensamento compreende: 1) a geração ou identificação de propósito e objetivos; 2) o estabelecimento de um problema ou questão a solucionar; 3) a reunião de dados oriundos de experiências, observações ou fatos; 4) a

interpretação ou inferência; 5) o uso de conceitos, teorias ou modelos existentes; 6) a formulação de hipóteses; 7) o levantamento de consequências ou implicações de determinadas ações; e 8) o levantamento de pontos de vista e juízo sobre o que se está pensando (Elder e Paul, 2007, p.5). A linguagem permite a expressão do pensamento e a manifestação de diversas narrativas.

Claverie (2002) assevera que, atualmente, a cognição já não é mais uma questão puramente cerebral, mas uma relação de partilhamento de informações com a tecnologia digital. Esse relacionamento se tornou bilateral, uma vez que o cérebro humano e as tecnologias digitais produzem cognição; e dual, pois afeta indivíduos e grupos sociais simultaneamente.

2. Guerra Cognitiva – intenção antiga, revestida de modernidade

A intenção de se dominar a mente das pessoas nos processos interativos não é nova. Taylor, por exemplo, cita que os Assírios empregavam poemas, em grande parte fictícios, para recitação oral diante de multidões analfabetas, visando enaltecer suas conquistas passadas e abater o moral de seus adversários Babilônicos (Taylor, 2003, p.22). Já no século XVII, a Igreja Católica criou a organização denominada *Congregação della Propaganda Fide*, usando da persuasão para combater o avanço do Protestantismo, mediante a disseminação de ideias e valores relativos às pessoas que administravam a Igreja (Taylor, 2007, p.197).

Há muitos outros exemplos nas I^a e II^a Guerras Mundiais e na Guerra Fria, mas nos dias atuais a guerra cognitiva tem evoluído com a mudança do ambiente informacional. O advento da internet, a profusão de dispositivos móveis de comunicação, como os celulares; e o surgimento do fenômeno das redes sociais digitais trouxe uma nova dimensão para o uso das informações como arma. Estima-se, por exemplo, que no mundo haja cerca de 17,7 bilhões de *smartphones* (Laricchia, 2024) e 5,04 bilhões de usuários de mídias sociais (o que representa 62,3% da população mundial). O tempo médio diário dispendido pelos usuários das mídias sociais é de aproximadamente 2 horas e 23 minutos (Kepios, 2024). Esse tempo de engajamento normalmente está associado à necessidade psicológica de recompensas sociais (as chamadas “curtidas”), favorecendo a ocorrência do aprendizado por recompensa (Lindström et al, 2021, p.8); e, conseqüentemente, a possibilidade de

manipulação cognitiva. Identifica-se, aí, o risco às democracias que prezam pela liberdade de expressão e liberdade de imprensa, favorecendo as ações cognitivas mormente em mídias sociais e no âmbito da internet.

O aumento expressivo da infraestrutura de comunicações e a hiper conectividade das pessoas têm proporcionado condições para a veiculação de notícias falsas, narrativas direcionadas, e a influência para a formação de pensamento das pessoas.

O conceito de guerra cognitiva ainda se encontra em processo de construção, não havendo consenso entre os acadêmicos ou os organismos que tratam do tema. Da análise de 15 conceitos de guerra cognitiva, pode-se verificar os termos mais presentes conforme a imagem a seguir:

Figura 1 – Nuvem das principais palavras do conceito de guerra cognitiva



Fonte: próprio autor.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) conceitua guerra cognitiva como as atividades, sincronizadas com outros instrumentos de poder, que afetam atitudes e comportamentos pela influência e ou interrupção da cognição individual ou grupal, visando obter vantagem (OTAN, 2023). Já o organismo *Innovation Hub*,³ destaca que a guerra cognitiva não tem o objetivo de apenas modificar o que as pessoas pensam, mas de alterar seus processos de pensamento e de ação (OTAN, 2021).

³ Um espaço de trabalho colaborativo para pesquisadores para desenho de soluções para desafios da OTAN.

Atores estatais, não-estatais e até indivíduos podem atingir Estados mediante a guerra cognitiva, visando desestabilizá-los ou influenciá-los (Claverie e Cluzel, 2021, p.6). A desestabilização pode ser produzida com o aumento da polarização social e política, a geração de movimentos de caos ou confusão social, a deslegitimação das instituições estatais e de lideranças; ou a fragmentação do tecido social (Treadstone 71, 2024). A influência pode se dar, por exemplo, mediante a interferência nos processos eleitorais, legislativos ou decisórios de alto nível dos Estados (Jindal, 2023, p. 13) ou nos processos comunicacionais internos das nações (Treadstone 71, 2024).

Para alcançar aqueles objetivos, os atores que se valem da guerra cognitiva empregam táticas como: 1) a sobrecarga informacional para causar poluição atencional e a distração sobre os assuntos mais relevantes de um Estado; 2) a geração de conflitos cognitivos mediante a exploração de ambiguidades; 3) a exploração de estereótipos para inibir as interrelações entre atores; 4) a destruição da resiliência e da confiança da sociedade; e 5) a demanda por respostas sem tempo para o processamento cognitivo (Claverie, 2022; Danyk e Briggs, 2023) e o pensamento crítico, produzindo “analfabetos funcionais”. Desafortunadamente, a guerra cognitiva trabalha além do limite da ética, não se importando com os efeitos mentais que possa produzir.

3. A influência da guerra cognitiva nas disputas geopolíticas

A Geopolítica, como prática, trata das relações entre atores, espaços e poder. Os Estados são os atores com maior visibilidade no âmbito do Sistema Internacional, contudo, atualmente, alguns atores não-estatais (organizações ou até indivíduos) têm demonstrado relevância igual ou superior a muitas nações, como por exemplo: *Amazon, Apple, Microsoft, Open Society Foundations*, Bill Gates, Jeff Bezos; e Mark Zuckerberg.⁴ As relações entre os atores variam entre a cooperação e o conflito, admitindo-se que esses atores possam, simultaneamente, cooperar em determinados assuntos (quando possuem interesses comuns); e manter situações conflituosas em temas que divergem. Tradicionalmente, para as avaliações geopolíticas, trabalhava-se

⁴ Informação disponível em <https://pt-br.ihodl.com/infographics/2016-12-28/grafico-riqueza-dos-individuos-mais-ricos-do-mundo-vs-pib-de-alguns-paises/> e https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/03/economia/1509714366_037336.html. Acesso em 02 abr. 2025.

com o espaço geográfico, mas a evolução da humanidade fez necessário agregar outros espaços como: sideral, cibernético, informacional e, agora, o espaço cognitivo como um novo ambiente de disputas de poder.

Comumente, ilustra-se a ideia de geopolítica por intermédio da imagem de um tabuleiro de xadrez com o jogo em andamento. Essa associação busca mostrar a necessidade de pensamento prospectivo (nesse caso, um pensamento geopolítico) para as “jogadas futuras” – ações geoestratégicas –, visando o atingimento de objetivos.

O conceito de pensamento geopolítico tem origem em Friedrich Ratzel,⁵ que sugeriu que os Estados se comportariam como organismos vivos (Ryan, 1993, p.6), dotados de consciência e com interesses próprios (Duarte, 2023, p.250). Esse pensamento⁶ geopolítico reflete o processo de pensar a apropriação política dos espaços para atendimento das necessidades da população, a proteção territorial e, eventualmente, a sua expansão (*Op. cit.*, p.248).

Dentro de uma perspectiva realista, o Estado teria um comportamento racional (Walt, 2017, p.5), isto é, o Estado elaboraria seu pensamento para o estabelecimento de relações com outros atores e a disputa de poder. Nesse sentido, Nolte e Wehner (2015, p.33)⁷ argumentam que o pensamento geopolítico constrói narrativas relativas à interação do território e da política e como esses elementos devem moldar as interações dos estados dentro de uma região. Logo, o pensamento geopolítico de lideranças estatais é um ativo de alto valor nas disputas geopolíticas.

Nesse contexto, a guerra cognitiva pode ser utilizada para afetar o pensamento geopolítico de lideranças dos Estados ou o pensamento de massas populacionais para pressionar aquelas lideranças e alterar objetivos geopolíticos.

⁵ Geógrafo alemão, nascido em 1844, responsável pela criação da Geografia Política. Foi um dos pioneiros da Geopolítica.

⁶ Compreende: 1) a geração ou identificação de propósito e objetivos; 2) o estabelecimento de um problema ou questão a solucionar; 3) a reunião de dados oriundos de experiências, observações ou fatos; 4) a interpretação ou inferência; 5) o uso de conceitos, teorias ou modelos existentes; 6) a formulação de hipóteses; 7) o levantamento de consequências ou implicações de determinadas ações; e 8) o levantamento de pontos de vista e juízo sobre o que se está pensando (Elder e Paul, 2007, p.5).

⁷ Citando Cohen (2009), Kacowicz (2000) e Kelly (1997).

A manipulação das percepções de ameaças é um dos alvos dos atores geopolíticos que empregam a guerra cognitiva. Por exemplo, maximizar ou minimizar ameaças contra um Estado pode contribuir para a coesão ou fragmentação social interna, a obtenção ou afastamento de apoios internacionais, a geração de conflitos regionais, o fomento à migrações indesejadas; e até mesmo ao extremo da guerra. Na esteira daquela ação, é possível promover a desestabilização de governos ou instituições de governança, seja pela deslegitimação seja pelo caos social que implanta, basta recordar-se das cenas da Primavera Árabe. Noutra vertente, a guerra cognitiva pode incidir sobre o processo decisório nos âmbitos político e estratégico de um Estado, conformando a percepção e o julgamento de decisores sobre desafios geopolíticos, interesses nacionais ou opções estratégicas para a política exterior. Enfim, como asseveram Elder e Paul (2007, p.5), as falhas nas estruturas de pensamento produzem vieses cognitivos, distorções, parcialidades, desinformações ou preconceitos (*Op. Cit.*, p.5), distanciando a percepção da realidade da efetiva realidade.

4. Ilustrações do emprego da guerra cognitiva com reflexos para a Geopolítica

A guerra cognitiva é uma modalidade de agressão cujas ações não são explícitas. Ao contrário, são “balas invisíveis” voando em todas as direções (Naganuma, 2021, p.1). Contudo, há alguns registros acadêmicos que nos levam à reflexão.

O primeiro caso a ser tratado diz respeito ao emprego da guerra cognitiva pela Rússia contra Estônia, Letônia e Lituânia, conhecidos como Países Bálticos. Esses países integraram a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até 1991, quando se deu o colapso do regime comunista soviético. Em 2004, os países Bálticos aderiram à OTAN. Observe-se que a Estônia e a Letônia fazem fronteira com a Rússia e a Lituânia faz fronteira com o exclave russo de Kaliningrado. Sob a perspectiva Geopolítica, a posição dos Países Bálticos é estratégica para que a Rússia tenha pleno acesso ao Mar Báltico, assim como é primordial para a preservação do território russo face a eventuais ameaças de outros atores contra seu território.

Ademais, há grupos populacionais russos em cidades fronteiriças dos Países Bálticos (Backes e Swab, 2019, p.2).

Nesse contexto, de acordo com Backes e Swab (2019), a Rússia desencadeou uma guerra cognitiva com o propósito de interferir nas eleições dos Países Bálticos, desde 2014 até 2019. Essa interferência procurou minar o processo eleitoral doméstico daqueles Países, usando os vetores cibernético e informacional (*Op. cit.*, p. v). Segundo os acadêmicos, as ações russas buscaram: 1) manipular informações destinadas aos eleitores; 2) disseminar desinformações e propaganda no âmbito da mídia tradicional e das mídias sociais; e 3) alterar a consciência dos cidadãos dos Países Bálticos, visando alcançar os interesses geopolíticos russos (Backes e Swab, 2019, p.v e p.1). Um dos principais pontos de exploração cognitiva foi a divisão política, social e étnica preexistentes mediante o uso de narrativas sobre a fragilidade das minorias russas naqueles países e a segregação linguística para provocar a instabilidade e desarmonia (*Op. cit.*, p.8).

Tabela 1 - Narrativas de guerra cognitiva contra os Países Bálticos

NARRATIVAS UTILIZADAS	ASPECTOS DE COGNIÇÃO ATACADOS
Os governos da Estônia, Letônia e Lituânia são fascistas ou pró-fascistas. Buscou-se atingir principalmente a população idosa, em datas mais significativas.	Percepção, associação, memória e linguagem
Os Estados Bálticos são estados falidos porque são incapazes de proporcionar boa condição de vida para os cidadãos. As elites são corruptas e há convivência com valores ocidentais que destroem as sociedades. Explorou a falta de oportunidade econômica.	Percepção, juízo, pensamento e linguagem
Os governos dos Estados Bálticos discriminam os russos, falantes de russo e residentes não natos. Explorou-se o “apartheid” e os desrespeitos aos direitos humanos.	Percepção, juízo, pensamento e linguagem

Fonte: próprio autor, com base em dados de Backes e Swab (2019).

Como consequência, a ação russa despertou a atenção dos países da OTAN, que passaram a pesquisar o tema da guerra cognitiva, visando estabelecer contramedidas face às ofensivas no ambiente informacional e cognitivo, assim como aumentar o processo de contenção da Rússia.

O segundo caso de exemplificação envolve China, Taiwan e Estados Unidos. A disputa geopolítica entre China e Taiwan, suportada pelos EUA é notória. A intenção de domínio de Taiwan e de todo o Mar do Sul da China sugere que o pensamento geopolítico chinês se coaduna com o pensamento de Alfred T. Mahan acerca do domínio dos mares e a projeção do poder naval (Baracuhy, 2021, p.16), visando se contrapor aos EUA e “quebrar” sua contenção baseada na proposta de Spykman (*Op. cit.*, p.34).

Nesse contexto, de acordo com Hung e Hung (2020, p.4) a guerra cognitiva contra Taiwan busca aumentar o conflito doméstico e as opiniões contrárias à independência; e sobretudo promover a unificação. Para isso, a China emprega quatro ações distintas: 1) intimidação militar; 2) desinformação; 3) influência; e 4) interferência religiosa. A intimidação, por intermédio do disparo de mísseis, emprego de aeronaves de combate ou de exercícios da Marinha chinesa, busca manipular a percepção da população taiwanesa, levando o medo e a ansiedade.

Para promover a desinformação, a China se valeu, por exemplo, da *Wuwei Technology Company*, que expediu mensagens falsas. Adicionalmente, ofertou jogos e avaliações psicológicas no Facebook para coletar dados pessoais utilizados posteriormente na campanha de desinformação (*Op. cit.*, p.5), bem como tem usado as mídias sociais para disseminar informações falsas para demonizar o governo de Taiwan e criar divisões entre a população taiwanesa (Shimbun, 2022).

No tocante à influência, a China buscou atrair taiwaneses mediante oferta de benefícios econômicos e socioculturais (Shimbun, 2022, p.5). Em relação à interferência religiosa, a China busca aproveitar-se da religião Mazuísta, uma espécie de religião popular ligada à cultura marítima, proteção e reverência pelo mar. Cerca de 70% dos taiwaneses professam esse credo e há laços religiosos dos templos em Taiwan e na China (*Op. cit.*, p. 5). Dessa forma, por intermédio da religião, busca-se moldar a percepção dos taiwaneses que ambos países comungam da mesma religião, bem como difundir a política de uma só China, fundamentado na unificação pacífica (*Op. cit.*, p.6). Além disso, em 2019, foram identificadas ações de guerra cognitiva chinesas para desacreditar um eventual apoio norte-americano à Taiwan e promover a cisão entre os taiwaneses, com o objetivo de criar a desconfiança entre os Estados

Unidos e seus aliados (Burton e Stewart, 2019). De acordo com o artigo do jornal japonês *The Japan News*, de 07 de outubro de 2022, a China tem reforçado suas ações para fomentar a crença que as forças norte-americanas não podem ajudar a defesa de Taiwan. Enfim, para atingir seu objetivo geopolítico de unificação, a China tem buscado, por intermédio da guerra cognitiva, minimizar os riscos do empreendimento de ações cinéticas contra Taiwan e eventuais parceiros.

O último caso ilustrativo trata da guerra cognitiva nas Guerras da Criméia e da Ucrânia. À semelhança dos Países Bálticos, a Criméia e a Ucrânia já fizeram parte da antiga URSS. Para a Rússia, os territórios em questão constituem espaços geográficos fundamentais para a defesa russa, evitando a ameaça percebida que é a OTAN. Dessa maneira, a anexação da Criméia foi um laboratório para o controle dos níveis de comunicação. Para isso, a Rússia explorou a ideia de união voluntária da Criméia, afastando a imagem de agressão e de anexação territorial pela força (Pocheptsov, 2018, p.38). A Rússia necessitava colocar a Ucrânia como inimiga para justificar as ações de guerra. Nesse contexto, foram empregados os domínios informacionais e virtuais para a guerra. Enquanto no domínio informacional trabalhou-se sobre fatos ou pseudofatos, no domínio virtual lidou-se com tendências, modelos e padrões de comportamento em relação à ideologia e cultura (*Op. cit.*, p.38).

Outra ação de guerra cognitiva empregada foi a construção da imagem de ocorrência de guerra civil entre os próprios ucranianos na Região de Donbass, visando justificar uma eventual intervenção russa para o restabelecimento da paz (*Op. cit.*, p.38). A Rússia utilizou a narrativa de defensora dos antigos integrantes da União Soviética, criando uma dissonância cognitiva (*Op. cit.*, p.39) que impedisse a percepção do país como inimigo. Ademais, a Rússia, apesar de ser o estado agressor, passou a mensagem de estar se defendendo de uma ação patrocinada pelo Ocidente, sobretudo dos Estados Unidos (*Op. cit.*, p.39).

Para explorar a segmentação dos grupos sociais ucranianos foram utilizados os seguintes instrumentos para a guerra cognitiva: 1) narrativas negativas contra a Ucrânia; 2) invenção de eventos e objetos falsos para manter o ataque sobre o adversário; 3) patrocínio e organização de protestos

no território ucraniano para exploração pela TV russa; 4) manipulação de informações veiculadas para os cidadãos russos; 5) convite para jornalistas e especialistas tendenciosos para os eventos televisivos ou transmitidos pela Internet; e 6) construção da narrativa de emprego das ações militares sob motivos salvacionistas.

Considerações finais

A evolução tecnológica atingida pela infraestrutura de comunicações, a hiperconectividade manifestada nas redes sociais e os novos conhecimentos em áreas como Neurociência e Ciência de Dados estão aproximando a proposta de Sun Tzu à realidade, ou seja, caminha-se celeremente para a subjugação de adversários pela conquista das mentes, sem a luta física. O que parecia ficção está cada vez mais próximo de ser real e efetivo, basta ver os casos concretos envolvendo a China e a Rússia. Dessa forma, a guerra cognitiva tornou-se uma maneira de luta pelo poder onde as ações invisíveis podem ter resultados significativos.

No âmbito da Geopolítica, onde os atores procuram estudar seus movimentos e dos seus competidores “muitos passos à frente”, a guerra cognitiva tornou-se um instrumento ardiloso para alterar o pensamento geopolítico de lideranças ou o pensamento das populações para pressionar seus líderes para decisões.

Destaca-se que as nações democráticas são mais vulneráveis a esse tipo de ação, uma vez que enfrentam o dilema de coibir as liberdades de imprensa e de expressão para proteger a sociedade ou de adotar ações autocráticas em nome de uma defesa hermética que parece difícil de ser implementada.

Finalmente, cabe aos pensadores geopolíticos a responsabilidade de inserirem esse novo componente em suas avaliações a fim de buscarem a imagem mais próxima da realidade para apoiarem os decisores político-estratégicos.

Referências

BACKES, Oliver., SWAB, Andrew. **Cognitive Warfare: The Russian Threat to Election Integrity in the Baltic States**. Harvard Kennedy School. Belfer Center for Science and International Affairs. Paper November 2019.

BARACUHY, Braz. **Os Fundamentos da Geopolítica Clássica: Mahan, Mackinder, Spykman**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2021.

BAUMARD, Philippe. **From Infowar to Knowledge Warfare: Preparing for the Paradigm Shift**. Créteil: Université Paris XII-Val de Marne Institut de Recherche en Gestion, 1996.

BURTON, Rachael; STEWART, Devin. **China's Cognitive Warfare, with Rachael Burton**. New York: Newstex, 2019.

CLAVERIE, Bernard. What Is Cognition? And How to Make it One of the Ways of the War? In **Cognitive Warfare: The Future of Cognitive Dominance**, NATO Collaboration Support Office, pp.1-17, 2022.

CLAVERIE, Bernard; DU CLUZEL, François. Chapter 2 – “COGNITIVE WARFARE”: THE ADVENT OF THE CONCEPT OF “COGNITICS” In THE FIELD OF WARFARE In **Cognitive Warfare: The Future of Cognitive Dominance**, 2022.

DAHL, Arden. B. **Command Dysfunction: Minding the Cognitive War**. Tese apresentada na Escola de Estudos Avançados do Poder Aéreo. Alabama, 1996, 140p.

DANYK, Yuriy, BRIGGS, Chad M. Modern Cognitive Operations and Hybrid Warfare. **Journal of Strategic Security**. v.16. n.1, pp.35-50, 2023.

DAVIDOFF, Linda. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

DUARTE, Geraldine Marcelle Moreira Braga. A Evolução do Pensamento Geopolítico. **Caderno de Geografia**. v.33. n.72, 2023.

ELDER, Lind, PAUL, Richard. **How to Take Thinking Apart and What to Look for When You do: The Elements of Thinking and The Standards They Must Meet**. Foundation for Critical Thinking, 2007.

HARBULOT, Christian; MOINET, Nicolas; LUCAS, Didier. **La guerre cognitive: A la recherche de la suprématie stratégique**. Vlième Forum intelligence économique de l'Association Aéronautique et Astronautique Française Menton, 25 septembre 2002.

HUNG, Tzu-Chieh; HUNG, Tzu-Wei. How China's Cognitive Warfare Works: A Frontline Perspective of Taiwan's Anti-Disinformation Wars. **Journal of Global Security Studies**, v.7. Ed.4. pp.1-18, 2020.

INNOVATION HUB. **Countering Cognitive Attacks 2021**. Disponível em <https://www.innovationhub-act.org/blog/countering-cognitive-attacks#:~:text=Cognitive%20warfare%20seeks%20to%20change,fragment%20an%20otherwise%20cohesive%20society>. Acesso: 20 nov. 2022.

JINDAL, Divyanshu. **The War on Conscience: India in the Age of Cognitive Warfare**, 2023.

KEPIOS. **Overview of social media use.** 2024 Disponível em: <https://datareportal.com/social-media-users#:~:text=Detailed%20analysis%20by%20the%20team,of%20the%20total%20global%20population>. Acesso: 26 mar.2024.

LARICCHIA, Federica. **Forecast number of mobile devices worldwide from 2020 to 2025 (in billions).** Disponível em <https://www.statista.com/statistics/245501/multiple-mobile-device-ownership-worldwide/>. Acesso em 26 mar. 2024.

LINDSTRÖM, Bjorn, BELLANDER, Martin, SCHLTNER, David T. CHANG, Allen, TOBLER, Phillippe, AMODIO, David M. A computational reward learning account of social media engagement. **Nature Communications**, 2021.

MICHAEL, Kobi; KUPERWASSER, Yossi. Cognitive Intelligence: The Theoretical Aspect. **The Cognitive Campaign: Strategic and Intelligence Perspectives**. Tel Aviv. Institute for National Security Studies, 2019.

NAGANUMA, Kazumi. Warfare in the Cognitive Domain: Narrative, Emotionality, and Temporality. **The National Institute for Defense Studies Commentary**, n. 163, 2021.

NOGUEIRA, Guilherme Marcos. **Construção Social da Realidade e Sugestibilidade: Fundamentos Neurocientíficos**. Apresentação do Power Point na Escola Superior de Defesa, 2022.

NOLTE, Detlef, WEHNER, Leslie E. Geopolitics in Latin America, Old and New In Part II Theoretical approaches to security in Latin America. In **Routledge Handbook of Latin American Security Routledge**, 2015.

ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE (OTAN). **Cognitive Warfare: Strengthening and Defending the Mind**. 2021. Disponível em <https://www.act.nato.int/article/cognitive-warfare-strengthening-and-defending-the-mind/>. Acesso em 26 mar. 2024.

POCHEPTSOV, Georgii. **Cognitive Attacks in Russian Hybrid Warfare**. Information & Security: An International Journal. v. 41, 2018.

RYAN, Michael B. **Calha Norte: Explaining Brazilian Army Presence in the Amazon. Tese apresentada no Naval Postgraduate School**. Monterey. California, 1993.

SHIMBUN, Youmiuri. China's cognitive warfare aims to influence views in Taiwan. **The Japan News**.07 out. 2022. Disponível em: <https://asianews.network/chinas-cognitive-warfare-aims-to-influence-views-in-taiwan/>. Acesso 28 nov. 2022.

SILVEIRA, Rosimeire Aparecida Monteiro. **Processos Cognitivos e Andragogia**. Maringá – PR: UniCesumar, 2017.

THAYLOR, Philip M. **Munitions of the Mind: A History of Propaganda from the Ancient World to the Present Era**. 3ª Ed. Manchester University Press, 2003.

_____. Munitions of the Mind: A brief history of military psychological operations. **Place Branding and Public Diplomacy**, v. 3, 3ª Ed, pp. 196-204, 2007.

THE JAPAN NEWS. **China's cognitive warfare aims to influence views in Taiwan.** Disponível em <https://japannews.yomiuri.co.jp/politics/defense-security/20221006-62708/>. Acesso 02 abr. 2024.

THOMAS, Timothy L. The Mind has no Firewall. **The US Army War College Quarterly: Parameters.** v.28, n.1. Parameters Springs, 1998.

TREADSTONE 71. **Cognitive Warfare.** Disponível em: <https://www.treadstone71.com/index.php/training/cogwarfarecourse>. Acesso: 10 dez. 2022.

TURNER, A. **How Many smartphones are in the world?** 2022. Disponível em: <https://www.bankmycell.com/blog/how-many-phones-are-in-the-world>. Acesso em 6 fev. 2023.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra.** São Paulo: Record, 2006.

WALT, Stephen M. **Realism and Security.** John F. Kennedy School of Government, Harvard University. 2017. Disponível em <https://oxfordre.com/internationalstudies/display/10.1093/acrefore/9780190846626.001.0001/acrefore-9780190846626-e-286?print=pdf>. Acesso 01 abr. 2024.

Data de submissão 2024-05-02.

Data da publicação 2024-09-01.